

Coro

Casa da Música

Martina Batič direção musical

22 set 2024 · 18:00 Sala Suggia

CONVITE À DANÇA



casa da música

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



Felix Mendelssohn

Sechs Lieder, op. 59 (excertos)

(1837-1843)

1. Im Grünen
3. Abschied vom Walde
4. Die Nachtigall

Fanny Mendelssohn

Nachtreigen (1829)

Josef Rheinberger

Das Schloss am Meer, op. 17 n.º 1 (1866)

Frederick Delius

*Two Songs to be sung of a Summer night
on the water* (1917)

1. Slow, but not dragging
2. Gaily but not quick

Midsummer Song (1908)

Henk Badings

Trois Chansons Bretonnes (1946)

1. La nuit en mer
2. La complainte des âmes
3. Soir d'été

Benjamin Britten

Choral Dances from Gloriana (1953)

1. Time
2. Concord
3. Time and Concord
4. Country Girls
5. Rustics and Fishermen
6. Final Dance of Homage

Tradicional da Cornualha

(arr. Gustav Holst)

I Love My Love (arr. 1916)

Tradicional de Norfolk

(arr. Ernest John Moeran)

The Sailor and Young Nancy (arr. 1924)

Tradicional Inglesa

(arr. Ralph Vaughan Williams)

The Dark-Eyed Sailor (arr. 1913)

Tradicional Escocesa

(arr. David Willcocks)

Bobby Shaftoe (arr. 1975)

Duração aproximada do concerto:

1 hora sem intervalo.

Textos originais e traduções
nas páginas 6 a 19.

A música coral, a Natureza e o *Volksgeist*

Ao longo dos séculos XIX e XX, a música coral ocupou um lugar fundamental nas práticas musicais. O novo espírito, imbuído das Luzes e dos ideais universalistas da Revolução Francesa, valorizou a música de conjunto. Nesse espírito, as conquistas do Liberalismo europeu alimentaram a prática coral amadora. A proliferação de numerosos coros na Confederação Germânica, a herdeira do Sacro Império Romano-Germânico após o Congresso de Viena, reflectiu a valorização do associativismo ligado à música. Assim, destacados compositores oitocentistas escreveram obras corais com ou sem acompanhamento de piano. Num contexto de criação da ideia de estado-nação, a procura de uma identidade relacionava-se com o folclorismo, pelo que muitas canções tendiam a emular o estilo das canções populares.

Os irmãos Fanny e Felix Mendelssohn foram figuras marcantes do Romantismo germânico e grandes dinamizadores da vida musical nesses espaços até às suas mortes prematuras. Com uma educação esmerada e contactos familiares privilegiados, as suas inclinações musicais foram desenvolvidas a partir da infância.

Fanny Mendelssohn (1805-1847) era uma reconhecida pianista, mas a sua obra musical permaneceu praticamente desconhecida até ao final do século XX. Escreveu *Nachtreigen* no Verão de 1829, num período complexo e de grande intensidade criativa. Preparava-se então para casar com o pintor Wilhelm Hensel e sentia a ausência prolongada do irmão Felix, em digressão pelas Ilhas Britânicas. O poema é de Wilhelm Hensel e descreve um festejo colectivo nocturno numa floresta. A ligação dos sentidos à Natureza marca o texto, em que o contraste tímbrico entre vozes femininas e

masculinas sobressai. Da leveza das canções populares aos toques de trompa de caça evocando o contexto campestre, esta peça para coro duplo alterna agitação com calma e verticalidade com contraponto. A fusão final das vozes após um revezamento tenso é uma celebração da vida ao ar livre, motivo recorrente do Romantismo germânico.

Felix Mendelssohn (1809-1847) destacou-se como compositor, professor e director de orquestra. Os *Sechs Lieder*, op. 59 foram escritos entre 1837 e 1843, quando atravessava uma fase de intensa actividade, decorrente do seu prestígio — vivendo em Leipzig, era director da Gewandhaus, uma das orquestras mais importantes do território, e do recém-criado Conservatório. O fascínio pelo contacto com a Natureza intocada permeia a obra e sobressai na canção “Im Grünen”. A sua forma estrófica, em que pontificam a simplicidade e a regularidade, reforça o carácter do poema da autoria de Helmina von Chézy. Uma textura leve evoca a liberdade sentida ao ar livre. “Abschied vom Walde” é uma despedida sentida à floresta, onde o sujeito poético se isolava para realizar a busca interior tão cara ao Romantismo. Mendelssohn musicou o poema de Eichendorff numa passagem plácida, inspirada nas canções tradicionais, em que o estatismo representa a calma do protagonista no adeus à Natureza estimada. “Die Nachtigal” é uma das miniaturas mais conhecidas de Goethe. O canto familiar do rouxinol, encarnado no timbre cristalino das vozes agudas femininas, conforta o sujeito poético. A resposta das vozes graves e a alternância entre naipes alimenta uma peça que recorre a passagens contrapontísticas até chegar a acalmia final, os ecos das antigas canções que o rouxinol transporta nas suas viagens.

Josef Rheinberger (1839-1901) foi um importante compositor e organista que desen-

volveu grande parte da carreira escrevendo música para as cerimónias católicas da Baviera. *Das Schloss am Meer* é a primeira das *Duas Baladas*, op. 17, escritas em 1866, quando o compositor era um jovem estudante em Munique. O poema, de Ludwig Uhland, estiliza a narrativa das baladas populares e condensa várias figuras do Romantismo alemão. O castelo medieval isolado, a paisagem em permanente transformação e a morte dão o mote a uma canção em que o piano cria uma atmosfera de tensão e agitação através do ritmo e da harmonia, contrapondo-se ao estilo vertical do coro, que interpreta melodias ondulantes. O contraste entre as vozes femininas e masculinas, os jogos de eco e as mudanças de ambiente sugerem o sofrimento contido em face da tragédia.

As *Two songs to be sung of a Summer night on the water* foram escritas em 1917, no final da Primeira Guerra Mundial, conflito que marcou as artes na Europa. **Frederick Delius** (1862-1934), nascido em Bradford, encarna o cosmopolitismo das famílias britânicas abastadas da época — a sua família detinha vários negócios e recebia músicos destacados. Viveu nos Estados Unidos da América (onde contactou com a música dos Negros americanos), em Paris e Leipzig. O seu estilo foi profundamente influenciado pela música germânica do final do século XIX. No início do século XX, Delius casou-se com a pintora alemã Jelka Rosen e fixou-se em Grez-sur-Loing (França), onde viveu até ao fim da vida, exceptuando um breve período durante a Primeira Guerra Mundial. As obras que integram o presente concerto foram escritas pouco depois do regresso do casal a essa localidade. O 'texto' das *Two songs to be sung of a Summer night on the water* consiste em vocalizos sem letra. A primeira canção caracteriza-se pelas melodias sinuosas interpretadas pelos sopranos, às quais são adicionadas as

outras vozes. A tensão e distensão é causada por dissonâncias e deferimento de resoluções. A leveza e o lirismo da segunda canção criam um ambiente tridimensional, em que o som se aproxima e afasta do ouvinte. Delius interpola um solo na textura esparsa e no movimento balançante da canção. *Midsummer Song* foi composta em 1908, para coro misto com vozes *divisi*. O poema aborda a celebração alegre do Solstício de Verão. Assim, a regularidade rítmica e a densidade de vozes emulam os festejos de uma celebração pagã muito presente nas Ilhas Britânicas.

Henk Badings (1907-1987) foi um compositor nascido em Java, então parte das Índias Orientais Holandesas. Filho de militar, ficou órfão na infância e viajou para os Países Baixos em 1915. Lá, estudou música e engenharia, actividades que manteve em paralelo até 1937. Destacou-se enquanto compositor de música instrumental, especialmente sinfonias. As *Trois Chansons Bretonnes* foram escritas em 1946, pouco depois da Segunda Guerra Mundial — altura em que Badings foi acusado de colaboracionismo, o que impactou negativamente na sua carreira. Com poemas de Théodore Botrel, cultor da poesia e música populares da Bretanha em língua francesa, reflectem a busca por uma identidade regional na viragem do século XIX para o século XX. "La nuit en mer" aborda a solidão e o silêncio de uma noite passada na imensidão do mar. As vozes masculinas e o piano criam um ambiente oscilante, a que se adicionam as restantes vozes. A agitação cresce numa sobreposição caótica de motivos, resolvendo na escuridão sonora da noite. "La complainte des âmes" é um lamento e uma imprecação religiosa em que a leveza etérea das vozes agudas contrasta com a densidade e a solenidade das graves. O carácter rústico e lúdico de "Soir d'été" representa as imagens, os

cheiros e os sons que um casal encontra numa noite de Verão campestre, uma miniatura viva e que estiliza o popular.

A relação entre a Rainha Isabel I e o Conde de Essex é o tema da ópera *Gloriana*, de **Benjamin Britten** (1913-1976). Estreada em 1953, foi escrita para as celebrações da coroação de Isabel II. O compositor arranjou secções da ópera para coro e a estreia da peça, protagonizada pelo BBC Midland Chorus dirigido por John Lowe, deu-se a 7 de Março de 1954. A estilização do repertório do final do Renascimento inglês permeia as *Choral Dances*. “Time” personifica o Tempo como um homem jovem, contrariamente à imagem cristalizada. A periodicidade e circularidade, associadas à sobreposição dissonante de vozes, marca a canção. O estatismo e o balanço pendular sobressaem na textura vertical de “Concord”. “Time and Concord” faz o elogio a *Gloriana* (o nome que o poeta usou para Isabel I) e à abundância a ela associada através de uma atmosfera leve marcada pelas articulações e repetições. O idílio campestre, representado pela melodia de sabor tradicional e rústico, emerge em “Country Girls”, dominado pelas vozes femininas agudas. Um colectivo de homens apregoa a qualidade e fartura dos bens que transportam em “Rustics and Fishermen”. Uma atmosfera solene inicia a “Final Dance of Homage”, uma despedida a *Gloriana* num contexto que alterna calma e tensão até ao sereno final.

Na transição entre os séculos XIX e XX, houve um grande impulso no estudo da música tradicional das Ilhas Britânicas. A criação da Folk-Song Society, em 1898, e da English Folk Dance Society, em 1911, encarnaram esse espírito. Numa etnografia de salvaguarda, essas associações procuraram recolher canções e danças tradicionais, com uma abordagem

que via o campo e a cultura rural — o substrato genuíno da nação — em perigo com a industrialização e urbanização. Nesse contexto, músicos como Cecil Sharp, Percy Grainger, Ralph Vaughan Williams e Gustav Holst harmonizaram melodias tradicionais. De forma a contrariar o domínio do *music-hall* vitoriano e eduardiano nas camadas populares e o cosmopolitismo das restantes, lançou-se um grande esforço de alcance nacional, associado a uma ideia particular de raça, no auge do Império Britânico.

I Love My Love é uma melodia tradicional da Cornualha arranjada por **Gustav Holst** (1874-1934) em 1916. Na altura, o Reino Unido encontrava-se absorvido na Primeira Guerra Mundial (e Holst na composição de *Os Planetas*), servindo a música tradicional como alimento para o patriotismo. O poema de *I Love My Love* é sobre amor e separação; o ritmo regular e a textura vertical sublinham o seu conteúdo. As vozes agudas cristalinas sobressaem numa representação contida da separação forçada, mas optimista. A sobreposição de planos e as passagens que destacam algumas vozes enriquecem o espírito de simplicidade da canção.

Ernest John Moeran (1894-1950) desenvolveu um grande interesse pela música tradicional e fez algumas recolhas. A canção de Norfolk *The Sailor and Young Nancy* foi arranjada em 1924. A leveza, a textura vertical e o ritmo pontuado ilustram um poema sobre a separação de um marinheiro da sua amada.

The Dark-Eyed Sailor foi arranjada em 1913 por **Ralph Vaughan Williams** (1872-1958) e aborda o reencontro de um marinheiro com a sua amada depois de uma longa separação. Esta não o reconhece, mas a canção termina de forma leve e alegre, contrastando com a textura de diálogo entre vozes das estrofes iniciais.

David Willcocks (1919-2015) destacou-se enquanto director coral, tendo liderado o Coro

do King's College (Cambridge) entre 1957 e 1974. Integrando as *Five Folk-Songs*, publicadas em 1975, *Bobby Shaftoe* é uma canção sobre a personagem homónima. Pensa-se que foi inspirada no político setecentista Bobby Shafto de County Durham, no Norte de Inglaterra. Entre a lenga-lenga e a canção, coloca um sujeito poético feminino a suspirar pelo protagonista, então viajante no mar. A irregularidade rítmica, a sincopação e a sobreposição de *ostinati* contribuem para criar tensão numa canção cujo desencontro de vozes cria alguma entropia até ao final da narrativa, que funde o real e o mítico, como muita da literatura de tradição oral.

JOÃO SILVA, 2024*

* O autor não aplica o Acordo Ortográfico de 1990.

Felix Mendelssohn

Sechs Lieder, op. 59

1. Im Grünen

*Im Grün erwacht der frische Muth,
wenn blau der Himmel blickt.
Im Grünen da geht alles gut,
was je das Herz bedrückt.*

*Was such'st der Mauern engen Raum,
du thörigt Menschenkind?
Komm, fühl' hier unter'm grünen Baum,
wie süß die Lüfte sind.*

*Wie holde Kindlein spielt um dich
ihr Odem wunderlieb,
und nimmt all' deinen Gram mit sich,
du weisst nicht wo er blieb.*

— Helmina von Chézy (1783-1856)

3. Abschied vom Walde

*O Täler weit, o Höhen,
o schöner grüner Wald,
du meiner Lust und Wehen
andächtger Aufenthalt!
Da draussen, stets betrogen,
saust die geschäftige Welt,
schlag noch einmal die Bogen um mich,
du grünes Zelt.*

*Wenn es beginnt zu tagen,
die Erde dampft und blinkt,
die Vögel lustig schlagen,
dass dir dein Herz erklingt:
da mag vorgehn, verwehen das trübe Erdenleid,
da sollst du auferstehen in junger Herrlichkeit!*

Seis Canções

Na natureza

A natureza desperta o ânimo fresco,
quando o céu se estende azul.
Na natureza tudo se aquieta,
o que quer que oprima o coração.

Porque procuras o espaço estreito das
paredes,
ó tolo filho do homem?
Vem, sente aqui, sob a árvore verde,
como é doce a brisa.

Brinca, quais crianças à tua volta,
com a sua doce aura,
libertando-te de toda a amargura,
que já nem sabes para onde foi.

Adeus à floresta

Ó amplos vales, ó firmamento,
ó bela floresta verde,
tu, minha morada sagrada
de prazeres e tormentos!
Lá fora, sempre enganado,
o mundo corre agitado,
envolve-me mais uma vez nos teus braços,
ó abrigo verde.

Quando começa a amanhecer,
a terra fumege e resplandece,
os pássaros cantam alegremente,
até tocarem o teu coração:
assim se dissipam as turvas tristezas terrenas,
e assim ressuscitarás em rejuvenescida glória!

*Im Walde steht geschrieben
ein stilles ernstes Wort
vom rechten Thun und Lieben
und was des Menschen Hort.
Ich habe treu gelesen die Worte
schlicht und Wahr,
und durch mein ganzes Wesen
ward's unaussprechlich klar.*

*Bald werd'ich dich verlassen, fremd
in die Fremde gehn,
auf bunt bewegten Gassen
des Lebens Schauspiel stehn.
Und mitten in dem Leben wird deines
Ernst's Gewalt,
mich Einsamen erheben,
so wird mein Herz nicht alt.*

— Joseph von Eichendorff (1788-1857)

4. Die Nachtigall

*Die Nachtigall, sie war entfernt
der Frühling lockt sie wieder;
was neues hat sie nicht gelernt,
singt alte liebe Lieder.*

— Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832)

Na floresta está escrita
uma palavra calma e séria
sobre o bem fazer e amar
e o que é o refúgio do homem.
Eu li atentamente as palavras
claras e verdadeiras,
que, através de todo o meu ser,
se tornaram indescritivelmente claras.

Em breve te deixarei, serei um estranho
em terra estrangeira,
nas ruelas coloridas e agitadas
do espetáculo da vida.
E no meio da vida o poder da tua seriedade
me subjugará,
elevará o meu solitário ser,
assim o meu coração não murchará.

O rouxinol

O rouxinol estava bem longe,
a primavera o atrai de novo;
não aprendeu nada de novo,
canta antigas canções queridas.

Fanny Mendelssohn

Nachtreigen

*Es rauschen die Bäume,
es wallen die Düfte
und zärtliche Lüfte
umfassen die Träume
mit bräutlichem Hauch.*

*Wir wandeln und wallen
in traurem Umringen,
wir wallen und singen,
und Echo tönt auch.*

*Beseligend Schallen
und Duften und Scheinen,
o heiliges Einen,
schließt dichter den Kreis, leis, leis.*

*Hallo, hallo,
so lustig schweift sich's durch Grün und Nacht.
Frisch wie die Luft der Gedanke,
und froh mit dem singenden Vogel wacht
der Mensch, entronnen der Schranke.
Wie's scheint und lacht.*

*Still! Still!
Nicht die heilige Feier stören
wollt mit dem lauten Ruf,
lasset singen uns und hören,
schaffen, wie Natur erschuf.
Leise, weise,
naht dem Kreise,
kommt!*

*Ja, wir kommen, überwunden
durch der Ruhe heilige Macht.*

*So bleibt friedlich uns verbunden,
denn euch hat der Gott gebracht.*

*Und gemeinsam sei empfunden,
was der einzelne gedacht.*

— Wilhelm Hensel (1794-1861)

Dança noturna

As árvores farfalham,
os aromas se espalham
e suaves brisas
os sonhos abraçam
com frescor nupcial.

Deambulamos e divagamos
numa roda de amigos,
devaneamos e cantamos,
e o eco ressoa também.

Inspiram-nos os sons
e o perfume e o brilho;
ó sagrada união,
aperta mais o círculo, suave, suavemente.

Olá, olá,
é tão agradável vaguear na natureza e na noite.
Fresco como o ar o pensamento,
e feliz por acordar com o canto do pássaro,
assim o Homem se liberta das barreiras;
como ele resplandece e ri.

Silêncio! Silêncio!
Não perturbeis a santa celebração
clamando alto,
deixai-nos cantar e ouvir,
criar como a natureza criou.
Em silêncio, com sabedoria,
aproximai-vos do círculo,
vinde!

Sim, nós vamos, suplantados
pelo sagrado poder da paz.

Mantenhai-vos pois tranquilos unidos a nós,
porque foi Deus que vos trouxe.

E juntos sejamos sensíveis
ao que cada um de nós sente.

Josef Rheinberger

Das Schloss am Meer, op. 17 n.º 1

*Hast du das Schloß gesehen,
Das hohe Schloß am Meer?
Golden und rosig wehen
Die Wolken drüber her.*

*Es möchte sich niederneigen
In die spiegelklare Flut;
Es möchte streben und steigen
In der Abendwolken Glut.*

*Wohl hab' ich es gesehen,
Das hohe Schloß am Meer,
Und den Mond darüber stehen
Und Nebel weit umher.*

*Der Wind und des Meeres Wallen,
Gaben die frischen Klang?
Vernahmst du aus hohen Hallen
Saiten und Festgesang?*

*Die Winde, die Wogen alle
Lagen in tiefer Ruh,
Einem Klagelied aus der Halle
Hört ich mit Tränen zu.*

*Sahest du oben gehen
Den König und sein Gemahl?
Der roten Mäntel Wehen,
Der goldnen Kronen Strahl?*

*Führten sie nicht mit Wonne
Eine schöne Jungfrau dar,
Herrlich wie [die] Sonne,
Strahlend im goldnen Haar?*

*Wohl sah ich die Eltern beide,
Ohne der Kronen Licht,
Im schwarzen Trauerkleide;
Die Jungfrau sah ich nicht.*

— Johann Ludwig Uhland (1787-1862)

O Castelo do Mar

Viste aquele castelo?
O castelo alto junto ao mar?
Douradas e rosadas passam
As nuvens sobre ele.

Parece querer inclinar-se
Para o espelho claro da maré,
Ansiar erguer-se para o alto
No fulgor das nuvens da noite.

Sim, vi-o perfeitamente,
O castelo alto junto ao mar,
E a lua a pairar sobre ele
E a neblina ao seu redor.

O vento e as ondas do mar,
Com a sua fresca sonoridade?
Ouviste lá dos altos átrios
Cordas e canções festivas?

Os ventos, as ondas, tudo
Estava em profunda quietude,
Pude ouvir lá do alto uma elegia
Com as lágrimas nos olhos.

Viste lá em cima passar
O rei e a sua esposa?
Os mantos vermelhos a abanar,
O brilho das coroas douradas?

Viste o prazer com que apresentaram
Aquela bela donzela,
Esplêndida como o sol,
Radiante com os seus cabelos dourados?

Bem vi depois os seus pais,
Sem as coroas de luz,
Em negro vestidos de luto,
A donzela já não mais vi.

Frederick Delius

Midsummer Song

*On midsummer day we'll dance and we'll play
And we'll wander and stray through the woods.
We'll dance and we'll kiss
Whilst it's youth, love and bliss
And the night is not far away, heigh-ho!*

Henk Badings

Trois chansons Bretonnes

1. La nuit en mer

*La brise enfle notre voile :
Voici la première étoile
Qui luit ;
Sur le flot qui nous balance,
Amis voguons en silence,
Dans la nuit.
Tous bruits viennent de se taire,
On dirait que tout, sur Terre,
Est mort :
Les Humains comme les Choses,
Les oiseaux comme les roses
Tout s'endort !*

*Mais la Mer c'est la Vivante,
C'est l'Immensité mouvante
Toujours,
Prenant d'assaut les jetées,
Dédaigneuse des nuitées
Et des jours !...
Hormis Elle, rien n'existe
Que le grand Phare et son triste
Reflot ;
A la place la meilleure,
Mes amis, jetons sur l'heure
Le filet !...*

Canção do Verão

Na dia do solstício vamos dançar e brincar
E vamos vaguear e perder-nos pelos bosques.
Vamos dançar e beijar-nos enquanto dura
A juventude, o amor e a felicidade
E a noite não está longe, vamos lá!

Três canções bretãs

A noite no mar

A brisa enche a nossa vela:
Eis a primeira estrela
Que brilha;
Na onda que nos balança,
Amigos, naveguemos em silêncio
Na noite.
Todos os sons se calaram,
Parece que tudo, na Terra,
Está morto:
Humanos e objetos,
Pássaros e rosas
Tudo está adormecido!

Mas o Mar está cheio de vida,
É a Imensidão em movimento
Continuamente,
Invadindo os cais,
Desdenhando as noites
E os dias!...
Nada existe, só ele
E o grande farol e o seu triste
Refloto;
No melhor local,
Meus amigos, lancemos agora
A rede!...

*Puis, enroulés dans nos voiles
Le front nu sous les étoiles,
Dormons !
Rêvons en paix profonde,
A tous ceux qu'en ce bas-monde
Nous aimons !
Dormons sur nos goëlettes
Comme en nos berceuses
D'enfants...
Et demain à marée haute
Nous rallierons la Côte,
Triomphants !*

2. La complainte des âmes

*Vierge Marie, ô bonne Mère,
Ô bonne Mère de Jésus !
C'est ici la Complainte amère
Que chantent ceux qui ne sont plus !*

*Nous venons en ce soir d'Automne,
Frapper aux portes des Amis :
C'est Jésus-Christ qui nous ordonne
De réveiller les endormis ! (...)*

*Vous, qui dormez dans la nuit noire,
Ah ! songez-vous de temps en temps
Qu'au feu flambant du Purgatoire
Sont, peut-être, tous vos parents ?*

*Ils sont là vos pères, vos mères,
Feu par-dessus, feu par-dessous,
Espérant, en vain, les prières
Qu'ils ont droit d'espérer de vous !*

*Songez-vous qu'ils disent peut-être
A tous les Chrétiens d'ici-bas :
« Priez pour nous sans nous connaître,
Puisque nos gâs ne le font pas !*

*Dans le Purgatoire on nous laisse,
Priez pour ceux qui ne prient pas !
Priez pour nous ! priez sans cesse
Puisque nos gâs sont des ingrats !... »*

Depois, envoltos nas nossas velas
Com a fronte descoberta sob o céu estrelado,
Durmamos!
Sonhemos numa paz profunda,
Com todos aqueles
Que amamos neste mundo!
Durmamos nas nossas escunas
Como nos nossos berços
De crianças...
E amanhã, na maré alta
Voltaremos à Costa,
Triunfantes!

A lamentação das almas

Virgem Maria, ó querida Mãe,
Ó querida Mãe de Jesus!
Esta é a amarga lamentação
Que cantam aqueles que já cá não estão!

Vimos nesta noite de outono,
Bater às portas dos amigos:
É Jesus Cristo quem nos ordena
Que acordemos os adormecidos! (...)

Vós, que dormis na noite escura,
Ah! alguma vez sonhais
Que no fogo flamejante do Purgatório
Estão, talvez, todos os vossos progenitores?

Lá estão os vossos pais e as vossas mães,
Fogo por cima, fogo por baixo,
Esperando, em vão, as orações
Que devíeis dizer por eles!

Lembrem-se que talvez eles digam
A todos os Cristãos aqui na Terra:
« Rezai por nós sem nos conhecerdes,
Já que os nossos filhos não o fazem!

Deixando-nos no Purgatório,
Rezai por aqueles que não rezam!
Rezai por nós! Rezai sem parar
Já que os nossos filhos são uns ingratos!...»

3. Soir d'été

*Lison, ma câline,
Quittons la colline,
Car le jour décline
Au rouge horizon,
Avant qu'il ne meure,
Profitions de l'heure :
À notre demeure
Viens-t'en, ma Lison !*

*Dans la paix immense
Du soir qui commence
Monte la romance
Des petits grillons,
Et la plaine rase
Que Phébus embrase
Savoure l'extase
Des derniers rayons !*

*Des voix enjôleuses
Sortent des yeuses :
Ce sont les berceuses
Des petits oiseaux.
Et, sa porte close,
La fermière Rose
Chante même chose
Entre deux berceaux !
C'est l'Heure très pure
Où dans la ramure,
Passe le murmure
Du grand vent calmé.
L'Heure languoureuse
L'Heure où l'amoureuse,
Se suspend, heureuse,
Au bras de l'Aimé ;*

Noite de verão

Lison, minha querida,
Deixemos a colina,
Pois o sol já se desvanece
No horizonte vermelho,
Antes que ele morra,
Aproveitemos o momento:
Vamos
Para o nosso lar, minha Lison!

Na paz imensa
Da noite que começa
Ouve-se a romança
Dos pequenos grilos,
E a planície plana
Que Febo incendeia
Saboreia o êxtase
Dos últimos raios!

Sons sedutores
Saem das azinheiras:
São as canções de embalar
Dos passarinhos.
E, à porta fechada,
A camponesa Rosa
Canta o mesmo
Entre dois berços!
É a Hora muito pura
Em que na folhagem
Passa o murmúrio
Do grande vento aplacado.
A Hora lânguida,
A Hora em que a amante,
Se pendura, feliz,
No braço do Amado;

*C'est l'heure touchante
Où tout nous enchante,
Où, la cloche chante
L'Angelus, au loin,
Et c'est l'heure grise
Où la douce brise
S'imprègne et se grise
De l'odeur du foin ;
C'est l'Heure où tout aime
Où, las du blasphème,
Le Méchant, lui-même,
Est un peu meilleur :
Le cœur se dépouille
De tout ce qui souille...
L'Âme s'agenouille
Devant le Seigneur !*

*Lison, ma petite,
Prions-Le bien vite
Pour qu'on ne se quitte
De l'Éternité,
Et qu'il nous convie
À fuir cette vie
À l'Heure ravie
D'un beau Soir d'Été...*

— Théodore Botrel (1868-1925)

É a hora comovente
Em que tudo nos encanta,
Em que o sino canta
O *Angelus*, ao longe,
E é a Hora ao fim do dia
Em que a brisa suave
Fica impregnada e intoxicada
Com o aroma do feno;
É a Hora em que tudo ama
Em que, cansado de blasfêmia,
Até o Vilão
Se torna um pouco melhor:
O coração despoja-se
De tudo o que macula...
A alma ajoelha-se
Diante do Senhor!

Lison, minha querida,
Oremos depressa ao Senhor
Para que não nos separemos
Até à Eternidade,
E para que Ele nos convide
A fugir desta vida
Na hora feliz
De uma bela Noite de Verão...

Benjamin Britten

Choral Dances from Gloriana

1. Time

*Yes, he is Time,
Lusty and blithe!
Time is at his apogee!
Although you thought to see
A bearded ancient with a scythe.
No reaper he
That cries 'Take heed!
Time is at his apogee!
Young and strong in his prime!
Behold the sower of the seed!*

2. Concord

*Concord is here
Our days to bless
And this our land to endure
With plenty, peace and happiness.
Concord and Time
Each needeth each:
The ripest fruit hangs where
Not one, but only two, only two can reach*

3. Time and Concord

*From springs of bounty,
Through this county,
Streams abundant
Of thanks shall flow.
Where life was scanty,
Fruits of plenty
Swell resplendent
From earth below!
No Greek nor Roman
Queenly woman
Knew such favour
From Heav'n above*

Danças Corais de Gloriana

Tempo

Sim, ele é o Tempo,
Vigoroso e jovial!
O Tempo está no seu apogeu!
Embora penseis ter visto
Um ancião barbudo com uma foice.
Não é o Ceifador
O que grita 'Tomai cuidado!'
O Tempo está no seu apogeu!
Jovem e forte no seu auge!
Eis o que semeia a semente!

Concórdia

Eis a Concórdia
Para os nossos dias abençoar
E esta nossa terra preñar
De abundância, paz e felicidade.
A Concórdia e o Tempo
Cada um precisando do outro:
A fruta mais madura encontra-se onde
Não um, mas apenas dois, apenas dois
conseguem alcançar.

Tempo e Concórdia

Das fontes generosas,
Por todo este condado,
Rios abundantes
De graças jorrarão.
Onde a vida era escassa,
Frutos em abundância
Brotarão resplandecentes
Da terra no chão!
Nem Grega nem Romana,
Rainha alguma
Tais favores conheceu
Lá de cima do Céu

*As she whose presence
Is our pleasance
Gloriana
Hath all our love!*

4. Country Girls

*Sweet flag and cuckoo flower
Cowslip and columbine,
Kingcups and sops-in-wine,
Flower-de-luce and calaminth,
Harebell and hyacinth,
Myrtle and bay and rosemary between,
Norfolk's own garlands for her Queen.*

5. Rustics and Fishermen

*From fen and meadow
In rushy baskets
They bring ensamples of all they grow.
In earthen dishes
Their deep-sea fishes;
Yearly fleeces,
Woven blankets;
New cream and junkets,
And rustic trinkets,
On wicker flaskets,
Their country largess
The best they know.*

6. Final Dance of Homage

*These tokens of our love receiving
O take them, Princess great and dear.
From Norwich city you are leaving,
That you afar may feel us near.*

— William Plomer (1903-1973)

Como aquela cuja presença
É o nosso deleite
Gloriana
Tem todo o nosso amor!

Meninas do Campo

Açoro e cardamina
Prímulas e columbina,
Malmequeres e cravina,
Lírios e calaminthas,
Campânulas e jacintos,
Murta, louro e no meio alecrim,
As grinaldas de Norfolk para a sua Rainha.

Camponeses e Pescadores

Dos pântanos e dos prados
Em cestos de junco
Trazem amostras de tudo o que produzem.
Em pratos de barro
Os seus peixes do mar profundo;
Das tosquias anuais,
Cobertores tecidos;
Natas frescas e requeijão doce,
E ornamentos rústicos,
Em cestas de vime,
A generosidade da sua terra
O melhor que sabem.

Dança Final de Homenagem

Estes tributos do nosso amor que recebeis
Aceitai-os, grandiosa e querida Princesa.
Da cidade de Norwich que estais partindo,
Que longe nos possais sentir por perto.

Trad. Cornualha (arr. Gustav Holst)

I Love My Love

*Abroad as I was walking,
one evening in the spring,
I heard a maid in Bedlam
so sweetly for to sing;
Her chains she rattled with her hands,
And thus replied she:*

*"I love my love because I know
my love loves me!*

*O cruel were his parents
who sent my love to sea,
And cruel was the ship that bore
my love from me;
Yet I love his parents
since they're his although
They've ruined me:*

*I love my love because I know
my love loves me!*

*With straw I'll weave a garland,
I'll weave it very fine;
With roses, lilies, daisies,
I'll mix the eglantine;
And I'll present it to my love
When he returns from sea.*

*For I love my love because I know
my love loves me."*

*Just as she sat there weeping,
Her love he came on land.
Then hearing she was in Bedlam,
He ran straight out of hand.
He flew into her snow-white arms,
And thus replied he:*

*"I love my love because I know
my love loves me."*

Eu amo o meu amor

No estrangeiro, enquanto passeava,
numa noite de primavera,
Ouvi uma donzela em Bedlam
tão docemente cantando;
As suas correntes chocalhava com as mãos,
E assim dizia ela:

"Eu amo o meu amor porque sei
que o meu amor me ama a mim!"

Cruéis foram os seus pais
que fizeram o meu amor embarcar,
E cruel foi o navio que levou o meu amor
para longe de mim;
Ainda assim, eu amo os pais dele,
uma vez que são dele, embora
Me tenham destruído a mim:

Eu amo o meu amor porque sei
que o meu amor me ama a mim!

Com palha tecerei uma grinalda,
Vou tecê-la muito bem;
Com rosas, lírios, margaridas,
Vou misturar rosas-mosqueta;
E hei de oferecê-la ao meu amor
Quando ele voltar do mar.

Pois eu amo o meu amor, porque sei
que o meu amor me ama a mim."

E estando ela ali sentada a chorar,
O seu amor a terra voltou.
E ao saber que ela estava em Bedlam,
Correu desenfreadamente.
Voou para os seus braços alvos como a neve,
E assim respondeu ele:

"Eu amo o meu amor porque sei
que o meu amor me ama a mim."

*She said: "My love don't frighten me;
Are you my love or no?"
"O yes, my dearest Nancy,
I am your love, also I am return'd to
Make amends for all your injury;
I love my love because I know
my love loves me."*

*So now these two are married,
And happy may they be like turtle
Doves together, in love and unity.
All pretty maids with patience wait
That have got loves at sea;

I love my love because I know
my love loves me.*

Trad. Norfolk (arr. Ernest John Moeran)
The Sailor and Young Nancy

*It was happy and delightful one
midsummer's morn,
When the fields and the meadows
they were covered in corn,
And the blackbirds and thrushes
sang on every green tree,
And the larks they sang melodious
at the dawn of the day.*

*Said the sailor to his true love,
"I am bound far away —
I am bound for the East Indies,
I no longer can stay.
I am bound for the East Indies
where the loud cannons roar —
I am going to leave my Nancy,
she's the girl I adore."*

E disse ela: "Meu amor não me assustes;
És mesmo o meu amor?"
"Oh sim, minha querida Nancy,
Eu sou o teu amor, e também voltei para
Tratar todas as tuas feridas;
Eu amo o meu amor porque sei
que o meu amor me ama a mim."

E agora os dois estão casados,
E felizes possam eles ser juntos como
Duas rolas, em amor e união.
Todas as belas donzelas esperem
pacientemente
Que têm amores no mar;

Eu amo o meu amor porque sei
que o meu amor me ama a mim.

O Marinheiro e a jovem Nancy

Era uma manhã de verão,
alegre e agradável,
Quando os campos e os prados
estavam cobertos de milho,
E os melros e os tordos cantavam
em todas as árvores verdes,
E as cotovias cantavam melodiosamente
ao romper da aurora.

Disse o marinheiro à sua amada,
"Vou para longe —
Vou para as Índias Orientais,
tenho de partir.
Vou para as Índias Orientais
onde troam os canhões —
Vou deixar a minha Nancy,
a rapariga que eu adoro."

*A ring from his finger he then instantly drew,
Saying, "Take this, dearest Nancy,
and my heart shall go too."*

*And while he embraced her
tears from her eyes fell,
Saying, "May I go along with you?" —
"Oh no, my love, fare you well."*

*Said the sailor to his true love,
"I no longer can stay,
For our topsails are hoisted
and our anchor is weighed.
Our ship she lays awaiting
for the next flowing tide,
And if ever I return again
I will make you my bride."*

Trad. Inglesa (arr. R. Vaughan Williams)

The Dark-Eyed Sailor

*It was a comely young lady fair,
Was walking out for to take the air;
She met a sailor all on her way,
So I paid attention to what they did say.*

*Said William,
"Lady, why walk alone?
The night is coming and the day near gone."
She said, while tears from her eyes did fall,
"It's a dark-eyed sailor
that's proving my downfall.*

*"It's two long years since he left the land;
He took a gold ring from off my hand,
We broke the token, here's part with me,
And the other lies rolling at the bottom
of the sea."*

*Then half the ring did young William show,
She was distracted midst joy and woe.
"O welcome, William, I've lands and gold*

E do seu dedo um anel imediatamente puxou,
Dizendo, "Aceita isto, querida Nancy,
e o meu coração também irá."

E enquanto ele a abraçava,
lágrimas caíam dos olhos dela,
Dizendo, "Posso ir contigo?" —
"Oh não, meu amor, adeus."

Disse o marinheiro à sua amada,
"Tenho de partir,
As velas já estão içadas
e a âncora a ser levantada.
O nosso navio espera apenas
a próxima maré,
E se alguma vez eu voltar,
hei de fazer-te minha noiva."

O Marinheiro de Olhos Negros

Era uma jovem e formosa donzela,
Que ia passear para apanhar ar;
Encontrou um marinheiro no seu caminho,
E eu prestei atenção ao que eles diziam.

Disse o William,
"Senhora, porque caminhas sozinha?
A noite vai caindo e o dia já quase se foi."
Disse ela, enquanto lágrimas dos seus olhos
caíam,
"Foi um marinheiro de olhos negros
que está a provar ser a minha desgraça.

"Há dois longos anos que ele embarcou;
Tirou um anel de ouro da mão,
Quebrou-o ao meio, aqui está uma parte
comigo,
E a outra jaz rebolando no fundo do mar."

Então metade do anel o jovem William mostrou,
Ela estava distraída entre a alegria e a tristeza.
"Oh, bem-vindo, William, tenho terras e ouro

*For my dark-eyed sailor
so manly, true and bold."*

*Then in a village down by the sea,
They joined in wedlock and well agree.
So maids be true while your love's away,
For a cloudy morning brings forth
a shining day.*

Trad. Escocesa (arr. David Willcocks)

Bobby Shaftoe

*Bobby Shafto's gone to sea,
Silver buckles at his knee;
He'll come back and marry me,
Bonny Bobby Shafto!*

*Bobby Shafto's bright and fair,
Combing down his yellow hair;
He's my love for evermore,
Bonny Bobby Shafto!*

*Bobby Shafto's tall and slim,
He always dressed so neat and trim;
The ladies they all kick at him,
Bonny Bobby Shafto.*

*Bobby Shafto's gettin' a bairn,
For to dangle on his arm;
In his arm and on his knee,
Bobby Shafto loves me.²*

Para o meu marinheiro de olhos negros
tão viril, honesto e corajoso."

E assim, numa aldeia junto ao mar,
Uniram-se em matrimónio e concordaram.
Por isso, donzelas, sejam honestas
enquanto o vosso amor estiver fora,
Pois uma manhã nublada traz um dia brilhante.

Bobby Shaftoe

O Bobby Shafto foi para o mar,
Fivelas de prata nos joelhos;
Há de voltar e comigo casar,
Meu belo Bobby Shafto!

O Bobby Shafto é inteligente e honesto,
Penteando o seu cabelo loiro;
É o meu amor para todo o sempre,
Meu belo Bobby Shafto!

O Bobby Shafto é alto e magro,
Sempre se vestiu tão elegante e apumado;
Todas as senhoras suspiram por ele,
Meu belo Bobby Shafto.

O Bobby Shafto vai ter um bebé,
Para embalar nos seus braços;
Nos seus braços e nos seus joelhos,
O Bobby Shafto ama-me.

Traduções: Luísa Lara (alemão), Joaquim
Ferreira (inglês) e Carla Basto (francês).

Martina Batič direção musical

Martina Batič é uma das principais maestrinas corais da sua geração. Enquanto vencedora do reconhecido Prémio Eric Ericson em 2006, é elogiada pela sua especial versatilidade na direção de um amplo repertório de coro, que vai da música de câmara à sinfónica.

Na temporada 2023/24, Batič assumiu o cargo de maestrina principal do Ensemble Vocal Nacional Dinamarquês, e em Junho passado foi anunciada como a nova maestrina titular do Coro Gulbenkian. Antes, entre 2018 e 2022, tinha desempenhado funções semelhantes no Coro da Radio France, tendo sido também diretora artística do Coro Filarmónico Esloveno e do Coro da Ópera Nacional Eslovena em Ljubljana.

Natural da Eslovénia, é uma maestrina muito requisitada. Dirigiu o Coro de Câmara RIAs, o Coro da Rádio de Berlim, o Coro da Rádio da Baviera, o Coro da Rádio MDR, o Ensemble Vocal SWR de Estugarda e o Chorwerk Ruhr, bem como o Coro de Câmara Eric Ericson, o Coro da Rádio Sueca, o Coro de Câmara de Helsínquia, o Coro Norueguês de Solistas, o Coro Suomen Laulu & Orquestra Barroca Finlandesa, o Coro de Câmara dos Países Baixos, o Coro da Rádio dos Países Baixos, o Coro da Rádio Flamengo, o Coro Casa da Música, e o Coro e a Orquestra Gulbenkian, entre outros.

Dos principais compromissos da temporada, destaque para novos concertos com o Coro da Rádio dos Países Baixos, o Coro Gulbenkian, o Coro Casa da Música, o Coro da Radio France e o Coro da Rádio de Berlim, além de um convite para colaborar com o Coro NFM de Varsóvia.

Martina Batič dirigiu concertos *a cappella* em vários festivais: Baltic Sea de Estocolmo, Ultima em Oslo, Chorégies d'Orange, Montpellier, Saint-Denis e Présences de Paris. Em 2018,

esteve à frente do Coro da Rádio Sueca e do Coro de Câmara Eric Ericson num concerto de gala por ocasião do centenário do nascimento de Eric Ericson.

Martina Batič obteve a licenciatura em Música na Academia de Música da Universidade de Ljubljana em 2002. Prosseguiu os seus estudos na Universidade de Música e Teatro de Munique, com Michael Gläser, onde concluiu, com distinção, o mestrado em Direção Coral, em 2004. Frequentou masterclasses em diversos países europeus e trabalhou com conceituados maestros corais, entre eles Eric Ericson.

Em 2019, recebeu o prémio nacional esloveno “Prešeren Fund” pelo seu sucesso artístico no domínio da direção coral.

Coro Casa da Música

Paul Hillier maestro emérito

Pedro Teixeira maestro adjunto

Fundado em 2009, o Coro Casa da Música é constituído por uma formação regular de 18 cantores, que se alarga a formação média ou sinfónica em função dos programas apresentados. Contou com Paul Hillier como maestro titular, até 2019, e tem sido também dirigido por outros maestros prestigiados no âmbito da música coral, como Martina Batič, Simon Carrington, Nicolas Fink, Antonio Florio, Robin Gritton, Sofi Jeannin, Andrew Parrott, Marco Mencoboni, Kaspars Putniņš, Nacho Rodríguez, Gregory Rose, Nils Schweckendiek, Léo Warynski e James Wood, além do seu maestro adjunto Pedro Teixeira. As suas participações em programas corais-sinfónicos levam-no a trabalhar com os maestros Martin André, Stefan Blunier, Douglas Boyd, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Leopold Hager, Michail Jurowski, Michael

Sanderling, Christoph König, Peter Rundel, Vassily Sinaisky e Takuo Yuasa, destacando-se ainda os programas de música antiga com especialistas como Laurence Cummings, Paul McCreesh e Hervé Niquet.

As temporadas do Coro Casa da Música revelam um repertório abrangente que se estende dos primórdios da polifonia medieval à nova música. Apresentou em estreia mundial obras de Francesco Filidei, Michael Gordon, Gregory Rose, Manuel Hidalgo, Carlos Caires e ainda uma partitura reencontrada de Lopes-Graça. Fez estreias nacionais de obras contemporâneas de Birtwistle, Manoury, Dillon, Haas ou Rihm, e tem interpretado outras figuras-chave dos séculos XX e XXI, como Lachenmann, Schoenberg, Stockhausen, Gubaidulina, Ligeti, Distler, Kagel ou Cage.

A música portuguesa tem sido um dos focos de atenção do Coro, com programas dedicados ao período de ouro da polifonia renascentista, a Lopes-Graça ou a obras corais-sinfónicas como o *Requiem à memória de Camões* de João Domingos Bomtempo e o *Te Deum* de António Teixeira — a que se junta, em 2024, o *Libera me* de Bomtempo. O seu primeiro disco, dedicado a Fernando Lopes-Graça, será brevemente editado pela Naxos.

As colaborações com os agrupamentos instrumentais da Casa da Música têm permitido ao Coro a interpretação de obras como: *Vésperas* de Monteverdi, *Te Deum* de Charpentier, *Missa em Si menor*, *Oratória de Natal* e *Magnificat* de Bach, *Messias* de Händel, *Gloria* de Vivaldi, *As Estações* e *A Criação* de Haydn, *Requiem* e *Missa em Dó menor* de Mozart, *Gurre-Lieder* de Schoenberg, *Sinfonia Coral* e *Missa Solemnis* de Beethoven, *Requiem Alemão* de Brahms, *Requiem* de Verdi, *Credo* de Arvo Pärt, *Das klagende Lied* de Mahler, *Carmina Burana* de Orff e *Elektra* de Richard Strauss.

Na temporada de 2024, o Coro estreou uma nova obra para coro e orquestra de Daniel Moreira especialmente destinada a celebrar os 50 anos do 25 de Abril, sobre poemas de Sophia de Mello Breyner. Apresenta também obras de António Pinho Vargas, Sérgio Azevedo e Vasco Negreiros, num ano dedicado a Portugal que justifica regressos à música coral de Lopes-Graça e à polifonia renascentista.

As digressões do Coro Casa da Música já o levaram ao Festival de Música Antiga de Úbeda y Baeza e ao Auditório Nacional de Madrid, ao Festival Laus Polyphoniae em Antuérpia, ao Festival Handel de Londres, ao Festival de Música Contemporânea de Huddersfield, ao Festival Tenso Days em Marselha, aos Concertos de Natal de Ourense e a várias salas portuguesas.

Sopranos

Ângela Alves
Joana Pereira
Leonor Barbosa de Melo
Paulina Sá Machado
Rita Venda

Tenores

André Lacerda
Fernando Guimarães*
Gabriel N. dos Santos
Vitor Sousa

Contraltos

Ana Calheiros
Joana Guimarães
Joana Valente
Maria João Gomes

Baixos

Nuno Mendes
Pedro Guedes Marques
Pedro Lopes
Sérgio Ramos
Tiago Matos

Piano

Luís Duarte

Maestro Adjunto

Pedro Teixeira

Operação Técnica

Iluminação

Virgínia Esteves

Palco

Rui Brito

*Solo na obra de F. Delius

APOIO INSTITUCIONAL



MECENAS CASA DA MÚSICA

